



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO

**A RELAÇÃO ENTRE MEIO SOCIAL, LITERATURA E
LEITURA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA PARAÍBA**

GUARABIRA – PB

2014

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO

**A RELAÇÃO ENTRE MEIO SOCIAL, LITERATURA E
LEITURA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha

GUARABIRA – PB

2014

C331r Carvalho, Maria de Fátima Vieira de
A relação entre meio social, literatura e leitura em uma escola pública estadual na Paraíba [manuscrito] : / Maria de Fátima Vieira de Carvalho. - 2014.
50 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha, Departamento de Educação".

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Juventude. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO

**A RELAÇÃO ENTRE MEIO SOCIAL, LITERATURA E
LEITURA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

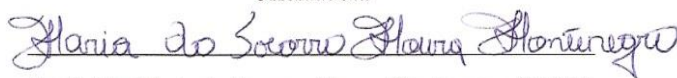
Aprovada em: 19/07/2014.

Banca Examinadora



Prof.^a. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha / UEPB

Orientadora



Prof.^a. Ms. Maria do Socorro Moura Montenegro / UEPB

Examinadora



Prof.^a. Dra. Francisca Pereira Salvino / UEPB

Examinadora

GUARABIRA – PB

2014

Aos meus pais, Terezinha e João, pelo carinho, pela dedicação e compreensão durante todo percurso de estudo e vida. Em memória aos meus avós, pelos incentivos ao estudo. A minha querida professora e orientadora, Dra. Vagda, pela amizade, paciência, competência e disponibilidade. Aos meus familiares e amigos pelo apoio e palavras de incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser minha fortaleza em todos os momentos da vida.

A Universidade Estadual da Paraíba, à coordenação do Curso de Especialização, e aos funcionários da UEPB, pela presteza e bom atendimento.

Ao Governo da Paraíba e a Secretaria de Estado de Educação da Paraíba, pela oferta do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

A minha querida orientadora, Dr^a Vagda, pelo tempo e conhecimento compartilhados, pelas orientações e encaminhamentos, pela amizade, disponibilidade e dedicação.

Aos meus pais, Terezinha e João, pelo amor, pela compreensão, dedicação e incentivo aos estudos.

Aos meus avós, Severina e João Luiz (*in memoriam*), pelo afeto e valores ensinados.

Aos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa e a todos que fazem parte desta comunidade escolar pela disponibilidade para participar da pesquisa.

A minha tia Josefa e as minhas primas e madrinhas, Josivete e Luzivete, por terem me apresentado ao mundo maravilhoso da literatura e pelo apoio que sempre me dedicam.

Aos professores que cooperaram com minha formação educacional, desde o jardim de infância até os que participaram como mediadores do conhecimento nesse Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

As professoras da Banca Examinadora, Msa. Socorro e Dra. Francisca pela colaboração e presteza.

As minhas madrinhas, Lia e Maria, pelas palavras de incentivo em todos os momentos.

Aos familiares e amigos, que contribuíram direta ou indiretamente ao longo dessa trajetória.

Aos amigos conquistados no Curso de Especialização, pelas amizades e partilhas de experiências e conhecimentos.

Entrar no universo dos escritores, clássicos ou contemporâneos, búlgaros ou estrangeiros de quem agora eu lia os textos integrais, causava-me sempre um arrepio de prazer: podia saciar minha curiosidade, viver aventuras, experimentar terrores e alegrias, sem sofrer as frustrações que causavam minhas relações com os meninos e meninas de minha idade com quem convivia. Não sabia o que viria a ser na vida, mas estava certo de que seria algo relacionado à literatura (Todorov, 2007, p.8).

RESUMO

Sabemos que a leitura é fundamental na vida das pessoas e que a literatura pode ser uma experiência preciosa ao desenvolvimento desta habilidade. Desde crianças, muitos pais e professores procuram estimular o hábito agradável da leitura. Contudo, algumas vezes, muitas pessoas não têm esta oportunidade e acabam distanciando-se da leitura literária ou criando estereótipos que as afastam. Assim, partindo-se da visão de que muitos professores expõem, dizendo que seus alunos não leem ou não gostam de ler, este trabalho propôs-se a investigar a realidade da prática literária de jovens alunos do segundo ano do ensino médio regular, da cidade de Jacaraú – PB, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, para podermos verificar o hábito de leitura desses jovens, procurando saber se registravam a quantidade de livros que liam, buscando-se, portanto, compreender os motivos dos alunos gostarem ou não de ler literatura. Esse estudo foi realizado através de pesquisa de campo, quantitativa e qualitativa, prática e bibliográfica. Tivemos como aporte teórico autores como Kleiman (2007), Lajolo (2002), Soares (2005) e outros que nos nortearam nesse trabalho que nos mostra o inverso: que a maioria da juventude gosta de ler, porém essa maioria ainda lê pouco. Percebemos que muitos desses estudantes apresentam o hábito de ler espontaneamente, tanto a literatura considerada popular, quanto a literatura clássica, chegando a ler até mais de dez livros por ano. Outros, porém, precisam de mais incentivo para iniciar ou aumentar a interação com esse mundo maravilhoso que é a literatura.

Palavras-Chave: Leitura. Literatura. Juventude.

ABSTRACT

We know that reading is essential to people's lives and also that literature can be a valuable experience for the development of this ability. Since children, many parents and teachers seek to stimulate the pleasant habit of reading. However, sometimes, many people do not have this opportunity and end up distancing themselves from literary or creating stereotypes that deviate reading. Thus, starting from the view that many teachers expose, saying that students do not read or do not like to read, this work aimed to investigate the reality of the literary practice of second-year-of-high-school students, in Jacaraú - PB, At a State Elementary and Middle School Alzira Lisbon, in order to verify the reading habits of these young students, looking whether they remember the amount of books they have read, seeking to therefore understand the reasons of liking or disliking reading literature. This study was conducted through field research, quantitative and qualitative, practical and literature. We had such authors as theoretical support Kleiman (2007), Lajolo (2002), Smith (2005) and others that guided us through this work that shows us the opposite: that most youth like reading, but most of them read just a bit. We realize that many of those students have the habit of reading spontaneously, either popular literature or classic literature, reaching up to read more than ten books per year. Others, however, need more encouragement to start or increase interaction with this wonderful world of literature.

Keywords: Reading. Literature. Youth.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Número de livros lidos anualmente _____	33
Quadro 2	Razões para gostar de ler _____	34
Quadro 3	Razões para não gostar de ler _____	34
Quadro 4	Preferência de gênero textual _____	37
Quadro 5	O que desperta a atenção numa obra literária _____	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A LITERATURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE	14
2.1 A Origem da Literatura	16
2.2 O que se entende por obra literária	17
2.3 Funções da literatura	19
3 JUVENTUDE E LITERATURA	21
3.1 Juventude e práticas leitoras	24
4 MERGULHANDO NO RELACIONAMENTO ENTRE A JUVENTUDE DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS	26
4.1 Percursos da pesquisa	27
4.2 Jacaraú e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa	28
4.3 A prática da leitura literária dos alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ABERTO	47
APÊNDICE B – DIÁRIO DE CAMPO E MINHAS PERCEPÇÕES	48

1 INTRODUÇÃO

A partir do surgimento da escrita, a leitura passa a ser uma das ferramentas fundamentais à compreensão do mundo, seja como meio de interação com outras pessoas, seja como promotora de prazer, conhecimento e até mesmo de poder, pois é um requisito importante, exigido pela sociedade à inclusão e participação mais ativa no meio social.

A literatura, por sua vez, além de ser uma arte, uma criação humana, ela poderá refletir a realidade do mundo e é essencial às pessoas, independentemente do desejo de ser escritor. Segundo Lajolo (2002, p. 106) “[...] o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”. Ou seja, a literatura é essencial à compreensão de mundo e de sociedade, pois reflete os problemas da mesma, ajudando-nos a identificá-los e nos posicionar com criticidade diante da realidade.

O importante é que façamos interpretações críticas de todas as leituras literárias que realizamos, pois elas poderão influenciar, conquistar, afastar, despertar a consciência crítica ou alienar o leitor, dependendo de quem e com que intenção a produziu. Devemos sempre considerar que o escritor possui uma visão filosófica de mundo e sociedade e ela poderá estar representada em suas obras. Por isso, o leitor precisa estar atento às ideologias presentes nos textos literários.

Partindo-se de frases que muitos professores dizem, conforme Kleiman (2007, p.15) de que “Os meus alunos não gostam de ler”, este estudo objetiva investigar a realidade da prática literária dos jovens do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa para compreender os motivos dos alunos gostarem ou não de ler literatura e verificar o hábito de leitura desses jovens procurando saber se registravam a quantidade de livros que liam. Realizamos esse estudo por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa, de campo, prática e bibliográfica para analisar se a juventude analisada aqui gosta de ler ou não, os motivos para essa decisão, e também se esta juventude tem algum tipo de literatura preferida, entre outros aspectos.

A pesquisa foi realizada com os jovens alunos da segunda série do Ensino Médio regular de uma escola pública estadual do município de Jacaraú – PB. Constatamos que a maioria desses jovens gosta de ler, que têm preferência literária, que a leitura tem alguma significância para eles e o que pode despertar o interesse de outros jovens pela leitura literária.

Para tanto, ouvimos a opinião de alguns jovens sobre seu envolvimento ou não com a leitura de obras literárias. Tomamos como suporte teórico autores como: Kleiman (2007), Lajolo (2002), Soares (2005), entre outros que nos nortearam na compreensão de fatores que corroboram com o posicionamento positivo ou negativo da juventude com a literatura.

Este trabalho inicia com uma descrição histórica sobre a presença e a importância da literatura para a humanidade, depois discorremos sobre como acontece a relação entre juventude e práticas leitoras e por fim, apresentamos os resultados da pesquisa, cujos dados foram coletados por meio de questionários abertos respondidos pelos jovens alunos do segundo ano do ensino médio, da escola campo de pesquisa. Por sabermos que a memória pode ser falha, após cada pesquisa com os alunos, registrávamos tudo no diário de campo.

Esperamos, portanto, que todos possam ouvir a juventude quanto as suas preferências literárias antes de dizer que ela não gosta de ler. Queremos também contribuir com as escolas e professores na formação de leitores independentes, críticos e apaixonados por literatura.

2 A LITERATURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Se fizermos um estudo minucioso sobre a presença da literatura na história da humanidade veremos que ela é mais antiga e essencial do que imaginamos.

Mesmo antes da invenção da escrita, o homem já sentia a necessidade de contar e guardar, de algum modo, seus pensamentos, seus sentimentos, seus desejos, seus temores e suas histórias, fossem elas reais ou fictícias.

Foi essa necessidade que fez com que nossos ancestrais cultivassem a prática de contar histórias. Assim, mesmo antes de inventar a arte da escrita, o homem já se preocupava em usufruir parte de seu tempo contando lendas e recitando canções, as quais eram transmitidas oralmente e marcaram os primeiros contatos do homem com a literatura.

Mas o homem não se conformou apenas em transmitir oralmente suas emoções, e o desejo de registrá-las tornou-se realidade quando o homem começou a fazer pinturas rupestres e depois, com o desenvolvimento da escrita, pôde ter certeza de que suas histórias seriam repassadas para mais gerações.

Lévy (2000) nos fala sobre o valor da escrita para um melhor registro dos conhecimentos produzidos:

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas a séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais. (p.114)

Portanto, a escrita trouxe muitas e novas possibilidades à humanidade. Foi com o seu surgimento que a literatura ganhou mais força, conquistando o mundo. Contudo, vale ressaltar que o aparecimento da escrita surgiu da carência dos povos antigos para registrarem suas transações agrícolas e comerciais, mas que por ser tão útil, a escrita não ficou restrita a este objetivo, ao contrário, ela foi utilizada para o desenvolvimento e propagação de todas as áreas do conhecimento.

Desse modo, a escrita tornou-se imprescindível às relações econômicas, sociais, culturais e políticas do homem. Charles Higounet (2003 apud Gomes s/d) comenta essa dependência que nasceu a partir de então:

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos. (p.2)

Não há como não reconhecer o importante papel da escrita nas diversas realizações humanas, a qual marcou a própria divisão da História, visto que os historiadores classificaram o período anterior à escrita como Pré-História e o período posterior ao seu surgimento como História. E a escrita foi sendo difundida e tornou-se uma necessidade mundial. Contudo, segundo Barbosa (1991), não se sabe quem foram os criadores da escrita:

Na realidade esta, como muitas “invenções” do gênio humano, pode ser considerada como aprimoramento de algo que já era anteriormente conhecido. Infelizmente não conhecemos o nome de nenhum dos autores das reformas mais importantes na história da escrita. Seus nomes, como o de outros grandes homens, responsáveis por melhorias essenciais da vida humana [...] perderam-se para sempre no anonimato da Antiguidade. (p.34)

Conforme Gomes (s/d), apenas sabemos que os primeiros registros foram desenvolvidos pelos sumérios na Mesopotâmia, por volta de 4.000 a.C, embora alguns historiadores indiquem seu surgimento há mais de seis mil anos.

O poema de Gilgamesh (Epopéia de Gilgamesh) é um dos mais antigos e importantes da arte literária que data 2.000 a.C. E juntamente com o “Livro dos mortos”, escrito em Pauro de Aní de aproximadamente 250 a.C. marcam os primeiros passos da literatura. Muitos textos foram divulgados oralmente há muito tempo, bem antes do surgimento da escrita. Muitos se perderam, outros foram passados para escrita¹.

Contudo, foi a literatura grega que se consolidou como fundamental à história da literatura ocidental. Desta podemos mencionar os poemas épicos de Homero, a primeira dramaturgia europeia, os mitos, entre outros, que são reconhecidos até hoje como grandes precursores do desenvolvimento literário.

¹ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_literatura

2.1 A Origem da Literatura

A literatura nem sempre foi da forma como a conhecemos hoje, manifestada principalmente em textos ou poemas escritos. Ela teve sua repercussão inicial por meio da oralidade, embora esse vocábulo origine-se etimologicamente da palavra letra (do latim, littera, letra). Ou seja, a literatura já era apreciada mesmo antes do surgimento da escrita, pois, a humanidade dedicava parte de seu tempo entoando canções e contando lendas ou histórias para seus descendentes.

O homem e a mulher são seres artísticos que criam e recriam, sejam a realidade, seus sonhos, seus anseios, sua imaginação ou suas emoções. Então, o que seria da humanidade sem essa capacidade de transpor para suas criações as reflexões internas de mundo, pensamentos e sentimentos? Essa aptidão, além de ser uma libertação para quem produz, também poderá ser oportunidade de renascimento para quem usufrui deste bem que é a obra literária.

O surgimento da escrita veio precedido pelo desenvolvimento de novas estratégias de transmissões, como por exemplo, as pinturas e desenhos simbólicos em paredes das cavernas que passaram a ser vistos como formas de registro da tradição oral e que depois passaram a serem gravados também em tabuletas, óstracos, papiros e pergaminhos. No entanto, muitas dessas antigas obras se perderam ou não apresentam relação direta com a idade moderna².

Já a difusão da literatura por meio da escrita espelhou-se na denominada literatura clássica, que abrange a produção greco-romana dentre os séculos V a.C. e V d.C., mas, assim como o ser humano passa por modificações, a literatura vem acompanhando esse processo e se adaptando a estas transformações. Portanto, quase todos os gêneros literários, que nos são conhecidos, foram criados pelos gregos e romanos. Por isso, devemos reconhecer a importância da contribuição desses povos para a literatura.

Do mesmo modo, não podemos esquecer-nos das ressignificações e particularidades com as quais cada povo incrementa a literatura. Segundo Amaral (2000):

Como todas as outras artes, a literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. Na medida em que essas relações se transformam historicamente, a literatura também se transforma, pois que sensível às peculiaridades de cada época, aos modos de encarar a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, de organizar a convivência social. (p.17).

²Disponível em www.gargantadaserpente.com.br

Compreendemos assim, que a arte de escrever literatura pode sofrer influência da cultura, do momento histórico, das transformações de cada período, dos ideais e dos sentimentos, enfim do contexto social, político, cultural e econômico do qual participa o escritor ao produzir suas criações, porém, podem conter ou voltar-se a elementos característicos de escritos literários antigos.

Com o intuito de facilitar o estudo da literatura, dividiu-se a produção literária em Eras, e as Eras foram subdivididas em Escolas Literárias, as quais foram separadas por características comuns presentes em cada período histórico da literatura. Portanto, mesmo sabendo que a literatura produz obras fictícias e que nem sempre se espelha no período do qual faz parte, seja por refletir unicamente o estilo pessoal do autor, seja por apresentar características de outra escola literária, não podemos ignorar a relação que existe entre a realidade e a literatura. Quanto a esse último aspecto, Amaral (2000) nos explica como acontece esse entrelaçamento:

[...] a obra literária, utilizando a palavra, recria a realidade, a vida. Essa definição focaliza dois aspectos opostos, mas complementares, da arte literária: criação e representação.
 Por um lado ela é **invenção**. O autor cria uma realidade imaginária, fictícia. Mas o universo da **ficção** mantém relações vivas com o mundo real. Nesse sentido, a literatura é **imitação da realidade**. (p.18).

Portanto, a literatura, ao mesmo tempo em que é algo criado, imaginado ficticiamente, possui também elementos próprios do mundo concreto em que vivemos. E é essa relação que desperta a atenção do leitor e o atrai à literatura, permitindo assim, que essa arte continue sempre atualizada e ao mesmo tempo aberta às transformações de cada época, fato este que enriquece nossa visão de sentir e de estar no mundo.

2.2 O que se entende por obra literária

O mundo está sempre em movimento e logo, submetido a mudanças a todo o momento, fato este que não se difere das pessoas e da literatura, visto que esta última é produzida pela humanidade. Assim, segundo Reis (s/d):

No século XIX, alguns críticos definiam literatura [...] como toda produção escrita de um povo, mesmo bilhete de namorado ou receita médica. Hoje não é assim. Literatura, agora, é tudo que está escrito com a finalidade de distrair o espírito e agradar à sensibilidade. (p.262)

Desse modo, verificamos que a ideia do que venha a ser literatura sofreu modificação, embora, ainda hoje, muita gente não consiga explicar o que é uma obra literária, algumas até compreendem o que seja, no entanto, apresentam muita dificuldade em definir o termo “obra literária”. Segundo Amora (2006):

[...] obra literária é o tipo de conhecimento da realidade que ela transmite: conhecimento intuitivo e individual. [...] que cada um de nós tem, naturalmente, dos fatos e das coisas: sabemos o que se passa dentro de nós (sentimentos, ideias, imaginação) e em volta de nós (o comportamento das pessoas, fenômenos naturais e sociais, etc.) - e tudo isso somos capazes de expressar, a viva voz ou por escrito. Ora, o mesmo ocorre com um escritor e, por isso, dizemos que sua obra (como qualquer obra de arte) expressa seu conhecimento individual e intuitivo da realidade. (p.51).

Entendemos assim, que a obra literária expressa o conhecimento da realidade mesclado e transmitido com a sensibilidade humana do escritor, porém, não pode ser confundida com obras não literárias, como ainda explica essa mesma autora:

[...] o que caracteriza a obra literária é, em princípio, o seu conteúdo, esse conteúdo não se confunde com o das obras das Ciências Humanas e Naturais (conhecimento racional e universal), e se é semelhante ao conteúdo do espírito do comum das pessoas, dele se distingue por ser fruto de uma intuição mais profunda e original da realidade. [...] O escritor, diferentemente do homem comum, é um criador de expressão, pois tem constantemente de inventar novas expressões para suas intuições. (AMORA, 2006, pp.52-53).

Portanto, não é apenas recriar a realidade, mas usar a imaginação e jogar com as palavras para expressar sua subjetiva realidade, e assim, a obra literária difere-se da não literária através de seu conteúdo e forma. Amora (op.cit p.57) simplifica isso ao dizer que: “[...] uma obra literária é uma forma concreta que expressa um conteúdo abstrato”. Ou seja, o autor torna “real” a sua visão de mundo e seus sentimentos, os quais são frutos tanto da sua imaginação quanto do seu conhecimento de mundo. Amora (idem) nos explica detalhadamente essa definição quando diz:

A forma, também denominada expressão ou linguagem, é, repito; um elemento concreto e, além disso, estruturado. [...] O conteúdo, fixado e

carregado pela forma, é, em oposição à materialidade desta, uma realidade imaterial; por exemplo: as personagens de um romance e suas ações são criadas pela imaginação do escritor, e passam a existir, para o leitor, auditor ou espectador, apenas na sua imaginação (p.58).

Desse modo, podemos considerar a obra literária uma antítese, visto que ela é fictícia e verdadeira ao mesmo tempo, pois passa a ser “realidade” apenas no pensamento do leitor, sendo assim, uma criação e representação, visto que a literatura consegue imitar a realidade.

Ainda conforme Amora (2006, pp.66-67), a obra literária “pode apresentar-se muito variada. Por exemplo: ela pode ser escrita ou falada, pode ser em prosa ou em verso; e pode representar diferentes níveis de expressão, como o popular e o erudito”. Cabe ao escritor procurar o estilo com o qual mais se identifica e ao leitor usufruir de todos os modelos ou daquele que mais lhe agrada.

2.3 Funções da literatura

Geralmente, quando iniciamos a leitura de um livro temos algum objetivo, embora esse não seja um requisito, pois uma pessoa pode começar uma leitura até mesmo sem querer, porém, a maioria possui algum intuito, seja a realização de um trabalho escolar, seja o desejo de aprender algo, de entreter-se ou simplesmente a curiosidade de conhecer a história contada por determinado livro.

O que muitas vezes não percebemos é que todos os livros, de forma explícita ou implícita, apresentam ideologias, as quais virão a nos influenciar. Isso acontece porque, ao escrever, o autor tem suas intenções, seja só expor seus sentimentos ou criticar, refletir, fazer o leitor pensar sobre algo do qual poderá posicionar-se a favor ou contrário. Conforme Amaral (2000):

[...] a função de uma obra literária depende dos objetivos e das intenções do autor. Mas os leitores também têm maneiras diferentes de ler e são levados a abrir um livro por motivos diferentes. Alguns buscam na literatura apenas um divertimento sem grandes consequências para a vida; outros, um instrumento de transformação e de aperfeiçoamento. Uns consideram a obra literária apenas um artefato estético, criado para a contemplação da beleza; já outros esperam que seja um veículo de análise e de crítica em relação à sociedade e à vida (p.18).

Dessa forma, precisamos estar atentos quanto às funções que a literatura pode realizar em nós durante a leitura, pois ela poderá ajudar a reforçar estereótipos ou levar-nos a refletir criticamente sobre o que nos é mostrado durante a realização da leitura e de sua interpretação. Cabe ao leitor perceber as relações de poder e tomar posição diante do que foi lido.

Segundo Silva (1986, p.21), a leitura literária “pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens”. Ou seja, a experiência com o texto literário tem a importante função social de levar o leitor a reflexão e ao questionamento para a libertação, seja de preconceitos, seja de visões ultrapassadas. Assim, acontece a renovação do sujeito leitor, a qual poderá levá-lo à luta pela renovação de seus semelhantes e do ambiente que habita.

Contudo, a leitura literária só terá essa função social quando despertada e orientada para esse caminho. Daí a importância da criticidade na hora da leitura. Para Silva (1985, pp. 22-23), “a leitura, se levada a efeito crítica e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade) capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade)”. Por isso, devemos estar atentos às entrelinhas do texto literário para podermos realizar uma leitura que provoque o questionamento e uma posição coerente frente ao que nos é exposto.

Outro aspecto que deve ser considerado é a dificuldade do acesso às obras literárias à população, que embora tenha melhorado, precisa ser mais difundido e incentivado, visto que a classe dominante prefere que a classe dominada não tenha acesso às obras que venham fazê-la despertar a consciência e a criticidade quanto à sua posição de excluída e marginalizada pelos que detêm o poder.

Assim, não podemos ignorar o poder da leitura literária na vida da humanidade, a qual poderá conduzi-la a conquistas e transformações essenciais ao bom desenvolvimento humano e do seu meio social.

No próximo capítulo discutimos a juventude frente à literatura. Essa juventude que, muitas vezes, só é enxergada pelo lado negativo, desconsiderando-se as modificações surgidas no decorrer do tempo, na qual os jovens estão inseridos, ignorando-se assim, seus anseios, preferências e opiniões. Como a juventude se relaciona com a literatura e que caminhos podem aproximar os jovens estudantes do mundo literário é o que iremos focar a seguir.

3 JUVENTUDE E LITERATURA

A juventude tem sido foco de pesquisas em muitas áreas do conhecimento humano. Os jovens, que não são crianças, mas também não são adultos, têm suas preferências musicais, literárias, cineastas e visuais, assim como têm seus medos, anseios e preocupações com a nova fase que deverão percorrer na vida adulta, a qual é repleta de responsabilidades, e estas chegam muito cedo aos jovens das camadas populares.

Precisamos compreender que o mundo está em permanente movimento, o que não se difere das pessoas, que precisam acompanhar as novidades advindas das novas situações provocadas por mudanças tecnológicas, sociais e históricas.

A prática literária, quanto mais livre, no sentido de espontânea, ou seja, de ler-se aquilo que se gosta, melhor. Como nos mostra Martins (1994):

[...] para a leitura se efetivar, e assim o leitor, essa deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas. E, se pensarmos especialmente na leitura em nível racional, há que considerar o esforço para realizá-la. O homem é um ser pensante por natureza, mas sua capacidade de raciocínio precisa de tanto treinamento quanto necessita seu físico para, por exemplo, tornar-se um atleta. Nada, enfim é gratuito; sequer o prazer. Este, aliás, nasce de um anseio de realização plena, portanto pressupõe uma meta e um empenho para atingi-la (p. 82).

Por isso, quando o jovem descobre por si próprio ou tem a oportunidade de escolher que tipo de literatura quer ler, acontece o prazer, pois o ato de ler passa a ser visto como agradável porque não foi obrigatório, mas com liberdade de escolha. Segundo Maria (2002):

Para que alguém se torne leitor parece necessário que haja uma experiência de prazer do texto: que em algum momento da vida um certo texto corresponda a uma necessidade ou carência, a uma busca ou desejo, que produza o encontro entre a fome e o alimento, que o leitor traga anseios (ou que descubra, quando nem mesmo sabia existir) e que o texto contenha a resposta. Uma pessoa que começa a ler, que se dedica à leitura dos primeiros livros de sua vida, não tem consciência dessa carência, pode mesmo não ter carência alguma, mas o curioso é que, quando começa a dialogar, com os textos, a curiosidade, que parecia não existir, aparece; as indagações que se quedavam silenciosas ganham voz; o olhar se amplia abraçando um universo cada vez maior e instaurando uma fome para sempre insatisfeita, um desejo

de conquistar sempre maior amplitude, ultrapassar limites. Um desejo de conhecimento, uma fome de saber (p.53).

O contato com a literatura vai conquistando e atraindo sempre mais a participação e o envolvimento do leitor com a leitura. Mas como atrair o jovem a essa prática prazerosa, visto que muitos professores argumentam que os jovens não gostam de ler. Ou melhor, como não tornar a leitura literária chata e desinteressante? Sabemos que a forma como se estabelece uma relação entre leitor e texto poderá aproximá-lo ou afastá-lo da leitura literária. Se só considerarmos o cânone, por exemplo, como a literatura que deve ser lida pelos jovens, ignorando seus desejos, poderemos afastá-los ainda mais da mesma, porém, quando consideramos o jovem como sujeito de identidade, de subjetividade, dentro de um espaço-tempo real ao qual a literatura precisa está conectada, poderemos estabelecer uma conexão entre o jovem e a literatura, pois está será abordada dentro de sua realidade, de seus anseios e inquietações.

Atentos às perspectivas dos jovens contemporâneos e preocupados em atrair o público juvenil, muitos autores têm produzido livros ligados tanto à realidade dos jovens, quanto à sua imaginação e fantasia. Pois sabem que para conquistar os jovens é preciso ter muita criatividade com a linguagem na hora de escrever porque os mesmos estão cercados por uma diversidade de opções de entretenimento que lhes fascinam, tais como: internet, jogos, festas, competições, programas, etc., e a leitura literária fica, muitas vezes, em último plano.

Outro aspecto que não podemos ignorar é o meio social do qual o jovem participa. Eles gostam de formar grupos em que haja interesses afins entre seus membros. Além disso, existe a condição socioeconômica do jovem, a qual poderá contribuir ou dificultar seu crescimento pessoal, intelectual, cultural e econômico.

Assim, a leitura literária precisa ser valorizada e oferecida aos jovens no ambiente escolar, partindo-se sempre de obras com as quais a juventude se identifica até chegar a outras exigidas pelos currículos ou que lhes sejam necessárias. Conforme Lajolo (2002, p.15): “Ou o texto dá um sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum”. Ou seja, as leituras precisam ser significantes aos jovens, seja como instrumento de reflexão que conduza à luta por uma sociedade mais justa e igualitária, seja pelo prazer propiciado pela leitura e pela aquisição de novos conhecimentos.

Contudo, o que vemos é que muitos dos acervos bibliográficos das escolas, assim como os espaços escolares não são muito atrativos aos jovens contemporâneos, pois, geralmente, possuem estrutura insatisfatória, com poucos livros, os quais fazem parte do

cânone literário. Além disso, os livros que mais lhe agradam não estão lá. Carrano (2008) comenta algumas deficiências da escola pública:

A expansão da escolaridade para grande parte dos jovens brasileiros não foi acompanhada dos investimentos necessários para a recepção de uma nova e numerosa geração de estudantes, notadamente quando isso se refere aos jovens das classes populares. A inadequação tanto se refere aos baixos insumos materiais, que se refletem na precariedade da maioria dos prédios escolares, quanto nas inadequadas articulações curriculares que não respondem às expectativas da aprendizagem e sociabilidade escolar almejada pelos jovens estudantes. (p. 110)

Mas por que isso acontece se algumas políticas vêm sendo desenvolvidas para mudar parte desta situação e se o currículo é flexível? O que vemos no Brasil é que alguns programas de governo não continuam quando mudam os governantes, muitos recursos são desviados, obras ficam inacabadas e muitas outras situações dificultam e atrasam o desenvolvimento das escolas, refletindo-se assim na formação dos alunos. Além disso, é preciso repensar o currículo e adequá-lo às novas necessidades.

A juventude também precisa do incentivo da família, do professor, da escola e de políticas públicas para tornar-se leitora. No entanto, mesmo que a família não o instigue à leitura, abordada aqui, como leitura literária, quando a escola e o professor conseguem despertar a curiosidade dos jovens ao mundo literário, este já pode ser visto como um grande passo à formação de futuros leitores. E para incentivar essa prática, precisamos ser exemplos, conforme Kleiman (2007, p.15) “Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”. Assim, nosso exemplo como leitores e a forma como falamos de nossas experiências literárias são muito mais eficazes na conquista de jovens leitores do que simplesmente pedir para os alunos lerem, pois quando esta é apresentada de modo autoritário, é enxergada pelos jovens como algo chato. Kleiman (2007) nos ajuda na compreensão desse aspecto:

Ninguém gosta de fazer o que é difícil demais, nem aquilo do que não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, [...] porque ela não faz sentido. (p.16)

Percebemos assim que a leitura literária precisa ser contextualizada, dinâmica e significativa. Porque do mesmo modo que temos que cativar as pessoas para nos tornarmos suas amigas, também é necessário que a literatura ganhe a simpatia de seus leitores. E o professor poderá contribuir muito na concretização deste ideal, sendo este, o primeiro a dar

exemplo de seu próprio relacionamento com a leitura, buscando também conhecer as preferências literárias de seus alunos, motivando-os à descoberta de leituras de gêneros literários diversificados.

3.1 Juventude e práticas leitoras

A juventude atual vem sendo alvo de várias críticas com relação a sua postura de “indiferença” à literatura.

Muitos estudos estão sendo realizados visando investigar até que ponto esse discurso de que a juventude não lê ou não gosta de ler é verdadeiro. Por que os jovens não leem? Será que realmente não leem ou o que é que eles leem? Estes são alguns questionamentos que iremos refletir aqui.

A juventude tem desejos, ela passa muito tempo diante de computadores, geralmente navegando na internet. Será que não está lendo quando está conectada?

O que presenciamos é que muitas vezes, o ato de ler restringe-se a indicação de leitura feita pelo professor, a qual está frequentemente relacionada ao cânone literário, tornando-se, em muitos casos, desestimulantes, pois estão desvinculadas seja do gênero textual, seja da temática que interessa ao público juvenil. Segundo Chartier (1999), mesmo que algumas leituras não sejam consideradas de grande referência ou importância, elas podem mudar a visão de mundo do leitor. Porém, existe uma exclusão com as obras literárias que não são consideradas boas ou tidas como leituras indicadas, daquelas que são reconhecidas como tal.

Mas como gostar de algo que parece tão distante da própria realidade? Ou, como interessar-se por uma obra se não conseguimos compreender sua linguagem?

É preciso compreender que a juventude tem sua própria forma de comunicação, expressão, que tem objetivos, que passa por momentos de alegrias e conflitos. E tudo isso irá influenciar no que ela vai querer ler. Por isso, não se pode obrigá-la à leitura daquilo que consideramos importante, seja porque faz parte do cânone, seja porque gostamos daquela obra, pois, a temática que interessa um adulto pode ser completamente diferente daquela preferida por um jovem. O que podemos fazer é conhecer melhor essa juventude através do diálogo, procurando reconhecer e respeitar seus gostos literários, propondo uma

intertextualidade entre as leituras que eles já realizam e admiram com outras que eles ainda não conhecem ou não se identificam, mostrando, dessa forma, que é possível fazer uma conexão aproximando a obra que eles gostam daquela que eles não encontram ligação com o seu mundo. Só não podemos ignorar ou dizer que os jovens não leem, pois, a maioria, gosta de ler, porém não é a obra que o adulto indica.

Defendemos que é salutar valorizar aquilo que o jovem já lê, sejam os best-sellers, os romances populares, as histórias em quadrinhos, as mensagens ou poemas encontrados na internet e apresentar novas propostas, não como imposição, mas como uma sugestão desbravadora que poderá ocasionar experiências boas e significativas.

No próximo capítulo abordaremos detalhadamente os resultados da pesquisa realizada com os jovens do segundo ano do Ensino Médio mostrando como é o relacionamento desses jovens com o mundo literário através de suas percepções.

4 MERGULHANDO NO RELACIONAMENTO ENTRE A JUVENTUDE DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO E SUAS PRÁTICAS LITERÁRIAS

A juventude contemporânea tem presenciado no seu cotidiano mudanças significativas trazidas com o avanço tecnológico. Contudo, algumas características quanto à realidade socioeconômica da população continuam precárias, fator este que dificulta em parte, o acesso da juventude aos livros literários que os jovens realmente se interessam, pois são caros e na maioria das vezes, não estão nas bibliotecas escolares por não fazerem parte do cânone literário.

Sabemos o quanto a leitura é importante na vida das pessoas, visto que ela nos oferece subsídios para enxergar a realidade. Quanto à interpretação crítica ou alienada que será realizada, dependerá da proposta explícita ou implícita no texto, assim como dos conhecimentos de mundo do leitor. Segundo Lajolo (2002, p. 26) “[...] a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quando, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, atenua-os, pode revertê-los, alterá-los”. Compreendemos assim, que o leitor precisa estar atento quanto aos objetivos subtendidos na linguagem do livro, ou seja, de quem ela está a serviço, se está reforçando um estereótipo ou tentando desconstruí-lo, por exemplo.

Desse modo, o que nos motivou a fazer esse trabalho foi o desejo de investigar a realidade da prática literária dos jovens do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, pois esta pode despertar nos jovens a consciência crítica de sua condição e a luta pela transformação da mesma. Conforme Rouxel (2013, p.20) “[...] É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção”. A escola precisa estar atenta ao que nos aponta Rouxel e contribuir com essa formação, alertando o público juvenil sobre a importância de ler as entrelinhas do texto com criticidade.

Perseguindo esse pensamento, durante a pesquisa verificamos quais os motivos pelos quais os alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular apresentam ter ou não o gosto pela leitura literária e se registram o total de livros que leem durante o ano. Pesquisamos sobre o hábito de leitura desses jovens e sobre os livros literários disponíveis na biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa e apontamos alternativas para a escola melhorar a interação entre juventude e literatura.

4.1 Percursos da pesquisa

Esse estudo teve início na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira/PB, a partir das discussões realizadas nas aulas do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, mais precisamente durante o módulo: Sujeito, Cultura e Contemporaneidade, com a professora Dr^a Vagda. Foi durante as aulas da disciplina supracitada que surgiu uma inquietação em conhecer melhor o relacionamento da juventude com a leitura literária, visto que a mesma é geralmente estereotipada.

Objetivando conhecer e analisar melhor o perfil literário do público juvenil, realizamos uma pesquisa bibliográfica e depois uma pesquisa de campo, tendo como instrumento de análise um questionário aberto, para investigar se a leitura literária era apreciada pelos jovens estudantes de três turmas do 2º ano do Ensino Médio regular, sendo uma turma do turno matutino e duas turmas do turno vespertino, ambas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa. O questionário aberto apresentava as seguintes perguntas: 1- Você gosta de ler? Justifique; 2- O que você entende por leitura literária?; 3- Que gênero textual você prefere?; 4- Como você tem acesso à leitura literária?; 5- Quantos livros você lê durante um ano? Cite alguns; 6- O que te leva a ler uma obra literária?; 7- O que despertaria o seu interesse e o de outros jovens pela leitura literária?; 8- Quais leituras são recomendadas pela escola? Você gosta dessas leituras? Depois, as respostas foram analisadas do ponto de vista quantitativo e qualitativo.

Esse questionário aberto foi aplicado a 63 jovens do segundo ano do Ensino Médio diurno, sendo 22 rapazes e 41 moças, que estão na faixa etária entre 15 a 23 anos. Deste total, 16 alunos são do turno da manhã e moram na zona urbana e 47 estudantes são do turno da tarde, onde a grande maioria vive na zona rural. Através da análise dos dados constatamos que a grande maioria dos alunos desta série de ensino gosta de ler. Visto que quando questionados se gostavam de ler, 51 jovens responderam que sim e 11 disseram que não. Ou seja, a maioria gosta de ler.

Vale ressaltar que essa pesquisa ocorreu com os jovens alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular diurno da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, na cidade de Jacaraú – PB, durante o segundo semestre do ano de 2013. O contato com os jovens e seus relatos conduziu-nos à reflexão de que não podemos julgar o sujeito jovem sem antes conhecê-lo. Como é relatada na letra da música de Charlie Brown Jr: “Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério”. Essa pesquisa permitiu-nos questionar os discursos que

dizem que a juventude não lê, mostrando assim outro lado, pois foi isso o que constatamos com os jovens que participaram dessa pesquisa, como veremos no decorrer da análise dos dados a seguir.

4.2 Jacaraú e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa

A cidade de Jacaraú faz parte do Estado da Paraíba e está localizada na microrregião do Litoral Norte, situando-se a 87 km de João Pessoa, capital deste estado. Este município apresenta uma área de 257 Km². Infelizmente, há escassos registros sobre sua história. Sabemos que a origem do nome desta cidade relaciona-se com a presença de jacarés que habitavam uma antiga lagoa que havia no centro do povoado, que era denominado Vila do Jacaré.

Jacaraú possui um clima quente e úmido, com chuvas de outono e inverno, e passa por um período de estiagem de 5 a 6 meses anualmente. No censo realizado pelo IBGE, em 2010, havia 7.100 habitantes na zona urbana e 7.001 habitantes na zona rural.

Este município tem uma produção agrícola que conta com o cultivo da cana-de-açúcar. A agricultura é uma das culturas de subsistência, com destaque para as plantações de mandioca, milho, feijão e algumas frutas. A cidade possui também estabelecimentos comerciais, mercadinhos, padarias, lojinhas de confecções, farmácias, entre outros, que contribuem para a geração de renda local, além do funcionalismo público.

Jacaraú possui, na zona urbana, três escolas municipais de Ensino Fundamental I e II, duas escolas estaduais, sendo que apenas uma oferece o Ensino Médio, e duas escolas privadas que ofertam tanto o Ensino Fundamental I e II quanto o Ensino Médio. Mas não há nenhuma escola profissionalizante na cidade.

Nesta cidade há uma biblioteca municipal, uma agência dos Correios na zona urbana, um banco do Brasil, um Sindicato dos Trabalhadores Rurais, um Cartório de Registros Cíveis, um Fórum, dentre outros prédios públicos.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa localiza-se na cidade de Jacaraú/PB, à Rua Sete de Setembro, nº 453, Bairro São José. Esta escola funciona desde o ano de 1978, sendo que funcionava em uma sede improvisada, cedida pela prefeitura, porém, tempos depois, foi construído um prédio próprio, onde funciona atualmente.

A escola conta com uma comunidade que participa dos processos de tomadas de decisões, podemos citar como exemplo, a indicação do que a escola precisa comprar com o recurso do PDDE. A mesma possui seis salas de aulas, uma cozinha, um refeitório, banheiros para os alunos, uma secretaria, uma sala para professores com dois banheiros, uma biblioteca com 120 livros de carácter informativo, recreativos e dialógicos, 100 mapas históricos e geográficos, 15 atlas e um ginásio escolar que foi concluído em 2014. Vale ressaltar que estes livros fazem parte do cânone. A escola também tem um laboratório de ciências, mas não funciona porque os materiais lá presentes estão vencidos. A escola também possui alguns recursos tecnológicos (TV, DVD, projetor, som, computadores, impressora), uma sala de informática que foi construída com recursos advindos de rifas e bingos, a qual conta com 10 computadores já velhos, porém apenas 3 funcionam.

Há nessa escola 55 funcionários, sendo 22 servidores técnico-administrativos e de apoio e 23 professores. Quanto à quantidade de alunos, há 186 alunos no turno matutino, 264 alunos no turno vespertino e 227 estudantes no período noturno. A Escola oferece o Ensino Médio regular em todos os turnos e três turmas de EJA à noite.

Quanto aos aspectos socioeconômicos dos alunos que estudam nessa escola, verificamos que eles sobrevivem, em sua maioria, da agricultura, da aposentadoria, da cana-de-açúcar e de programas governamentais como Bolsa Família. Visto estas características, durante a época de colheita da cana, há uma interferência na frequência dos alunos que lá trabalham.

Entre alguns dos objetivos da escola, presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2013), estão o desenvolvimento de ações pedagógicas que viabilizem o crescimento do educando como cidadão, valorizando as múltiplas inteligências, trabalhando com temas sociais através de abordagem interdisciplinar, desenvolvendo estratégias que estimulem a autoestima dos discentes, visando à participação dos mesmos e a diminuição da evasão escolar. Também objetiva oportunizar a liberdade de expressão e a ampliação da competência linguística.

Quanto ao princípio filosófico, a escola busca oferecer uma educação que contribua na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, buscando o desenvolvimento integral do ser humano, tendo como modelo de ensino a concepção sociointeracionista. Contudo, na prática percebemos que a escola ainda não consegue concretizar todos esses objetivos, apenas alguns deles, como a realização de projetos pedagógicos interdisciplinares para desconstruir estereótipos, produzir novos conhecimentos e conscientizar os educandos da importância de sua participação cidadã na sociedade em que vive.

4.3 A prática da leitura literária dos alunos do 2º ano do Ensino Médio Regular da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa

Como sabemos, as escolas apresentam como uma de suas propostas, aproximar seus alunos do mundo da leitura, porém, com as estratégias que utiliza para tentar atingir este objetivo, provoca, muitas vezes, o inverso: uma grande repulsa entre os estudantes e a prática da leitura, seja ela literária ou não. Pois esta prática é oferecida, geralmente, de modo obrigatório, visto que há leituras que os alunos só a realizam porque precisam desta, seja para a prova, seja para algum trabalho escolar.

E quando falamos em leitura literária, a situação torna-se mais complexa, pois o que mais ocorre é o ensino de literatura e não a prática da leitura literária. Como critica Rezende (2013):

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas. [...]

Tendo, pois, o livro didático como apoio, o mais comum é que o professor configure nesse trabalho as mais diferentes estratégias: uma atividade oral de leitura de fragmentos pelos alunos, seguida por perguntas e respostas, sendo que estas já se encontram no manual do professor [...]; cópia, no caderno, de trechos do livro e dos questionários para responder por escrito [...]; pesquisa sobre autores e obras, que os alunos fazem pela internet apenas baixando os arquivos [...]; seminários sobre autores e obras cujo cronograma igualmente segue a linha do tempo da história da literatura nacional e a do antigo colonizador etc. (p. 101).

Desse modo, a leitura literária é vista como desinteressante e distante da realidade dos jovens, os quais prefeririam trabalhar a leitura literária com dinamicidade, observando as temáticas e a conexão que existe entre as obras e suas vidas.

Há alguns fatores que não devem passar despercebidos aos nossos olhos e que podem influenciar muito na prática da leitura literária. São eles: a condição econômica e o modo como a prática leitora foi ou é despertada. Quando perguntados no questionário sobre qual era a renda mensal de sua família, a maioria dos jovens alunos, em todas as turmas, disseram desconhecer o total da renda de sua família, mas em segundo lugar foi declarado que suas famílias recebiam uma renda mensal inferior a um salário mínimo, aspecto esse que dificulta bastante o acesso ao livro e conseqüentemente à leitura, visto que um salário mínimo mal dá

para comprar alimentos, remédios, enfim, para sobreviver. Os alunos disseram que o preço alto dos livros torna-os muito inacessíveis aos jovens de classe popular. E, embora na escola haja biblioteca, muitos dos livros que eles desejariam ler não estão lá. Conforme nos informa Lajolo (2002):

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. [...] A própria sociedade de consumo faz muito de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela (p.106).

Desse modo, percebemos como o poder aquisitivo interfere no acesso as obras literárias, estejam elas disponíveis em livros ou na internet. Como os jovens e estudantes poderão usufruir deste bem se não podem comprar os livros que desejam, visto que eles são caros ou muito caros, e para ter acesso aos livros que estão disponíveis na internet também é necessário ter dinheiro para poder consultá-los ou baixá-los, além de contarmos com uma internet que deixa muito a desejar em qualidade, rapidez e preço acessível. Desse modo, verificamos as influências do meio social ao analisarmos a quantidade de livros lidos pela juventude do ensino médio que aqui foi pesquisada.

A leitura, principalmente a literária, deve ser incentivada desde a infância e deve favorecer a identificação e interação do leitor com a leitura. Conforme Rezende (2013):

Como prática social, ou seja, na vida cotidiana de todos nós, quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler, seja porque temos um gênero preferido – suspense, policial, romance, poesia, crônica etc. -, seja porque recebemos indicação de uma obra por parte de alguém cuja opinião respeitamos; também porque a obra faz sucesso, ou então porque queremos reler... [...] A verdade é que a leitura literária “não obrigatória”, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores. (pp.107-108).

Contudo, o que acontece, muitas vezes, sobretudo, com pessoas das classes mais populares, é o inverso. Kleiman (2007) relata o que aconteceu nas primeiras experiências de muitas pessoas com a leitura:

Devemos lembrar, que para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar,

esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas estórias que a nossa mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer. [...]; a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia; [...] Letras, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, “dificuldades” imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entervando assim o caminho até o prazer (p.16).

Kleiman nos mostra que estas seriam práticas desestimulantes e distantes do que são concepções adequadas quanto à visão de texto, leitura e linguagem, pois distancia a leitura daquilo que Freire (2001, p.21) nos convida: “[...] ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido”. Ou seja, a leitura que vai muito além da decodificação das palavras, ela precisa ser uma prática social que auxilie nossa compreensão de mundo, assim como deve levar-nos a perceber tudo aquilo que nos torna escravos, despertando-nos à libertação.

Estes são alguns dos motivos para apresentarmos para um quadro de pessoas que não leem muito. Na pesquisa que realizamos obtivemos os seguintes resultados com relação ao registro da quantidade de livros lidos anualmente pelos jovens entrevistados: a turma do segundo ano B declarou que não registrava a quantidade de livros que liam, mas que tinham uma base. Em primeiro lugar apareceram os que disseram que liam um ou dois livros por ano, em segundo lugar os que liam cinco livros, em terceiro lugar os que liam três livros e em quarto lugar empatados os que disseram ler seis ou nenhum livro. Já na turma do segundo ano C tivemos um resultado diferente: em primeiro lugar os que afirmaram ler três livros por ano, em segundo lugar os que disseram ler cinco livros, em terceiro lugar empatados os que liam quatro, dois ou um livro anualmente e em quarto lugar também empatados os que liam quinze, dez, nove livros, sete ou nenhum livro por ano. E no segundo ano D alcançamos o seguinte resultado: em primeiro lugar os que liam quatro livros, em segundo lugar os que liam dois ou três livros, em terceiro lugar os que liam cinco livros e em quarto lugar os que liam oito livros. Como podemos observar estas informações resumidamente no quadro abaixo:

Quadro 1 – Número de livros lidos anualmente

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	1 ou 2 livros por ano	3 livros por ano	4 livros por ano
2° lugar	5 livros por ano	5 livros por ano	2 ou 3 livros por ano
3° lugar	3 livros por ano	4, 2 ou 1 livro por ano	5 livros por ano
4° lugar	6 livros ou nenhum livro por ano	0, 10 ou 15 livros por ano	8 livros por ano

Fonte: *In loco*

Percebemos assim que a maior parte dos jovens estudantes pesquisados já apresenta uma prática literária, contudo, quando observamos a quantidade de livros, reconhecemos que é necessário utilizarmos novas estratégias para fazer com que essa experiência torne-se mais presente entre alunos e jovens, para alcançarmos uma mudança de posição em que todos ou pelo menos a maioria venha a praticar a leitura literária como já faz a minoria dos entrevistados aqui. Segundo a socióloga Failla (s/d), o problema dos brasileiros lerem tão pouco está relacionado a uma série de fatores, tais como: professores que não leem, famílias que não possuem livros em casa e que não estimulam esta prática, bibliotecas sem atrativos tanto na estrutura quanto nos materiais que possuem. Tudo isto dificulta a aproximação das pessoas com a leitura, principalmente dos jovens, pois estão cercados por várias atividades que lhes parecem despertar mais a curiosidade do que as obras literárias. Pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência entre junho e julho de 2011 e encomendada pelo Instituto Pró-Livro, com cinco mil entrevistados em 315 cidades, mostrou que a média de leitura do brasileiro é de quatro livros anualmente. Para compreendermos melhor o motivo dos jovens entrevistados gostarem ou não de ler, vejamos os quadros abaixo:

Quadro 2- Razões para gostar de ler

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Aquisição de aprendizagem.	Aquisição de aprendizagem; possibilidade de viajar através da leitura.	Aquisição de aprendizagem.
2° lugar	Possibilidade de viajar através da imaginação; ler algo interessante.	Contribuição no desenvolvimento da fala; aprendizagem de novas palavras.	Aquisição de conhecimentos.
3° lugar		Interação; Libertação; Novidade; Felicidade; Contribuição.	Desenvolvimento na leitura e na escrita. Passatempo e o tema interessante.

Fonte: *In loco*

Quadro 3- Razões para não gostar de ler

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Falta de Tempo.	Preguiça.	Dor de cabeça.
2° lugar	Falta de interesse.		Impaciência.
3° lugar	A presença de sono.		Falta de vontade.

Fonte: *In loco*

Analisando esses quadros podemos identificar as semelhanças e as diferenças na utilidade e benefícios proporcionados pela leitura literária na vida dos jovens pesquisados. Ambos os resultados se assemelham por apresentarem em comum a aquisição de conhecimentos como o principal objetivo alcançado pelos jovens ao realizar a leitura literária. Soares (2005) explica-nos que as diferentes classes sociais possuem visões distintas quanto à importância da leitura em suas vidas:

[...] Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominadas veem a leitura como fruções, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (p.21).

Observamos que alguns desses pontos permanecem, mas que sofreram modificações, visto que os leitores aqui pesquisados também viam a leitura como momento de prazer, de felicidade e novidade. No entanto, não podemos fechar os olhos aos interesses divergentes da classe dominante e da classe dominada, orientando os alunos para estarem atentos aos estereótipos, tendo em vista que o conhecimento é apenas uma ferramenta em busca de melhores condições de vida e não a garantia destas. De acordo com Soares (2005, p.25) outra “[...] barreira ao acesso à leitura se concretiza não só por mecanismos de sonogação de material escrito às camadas populares, mas também por mecanismos de distribuição seletiva desse material”.

Daí a importância de formarmos não leitores passivos, mas críticos. E esta leitura vai se desenvolvendo quando o leitor relaciona, compara e analisa o que lê, observando a presença de ideologias estereotipadas e se posicionando criticamente frente a estas. Podemos relacionar este comportamento às falas dos alunos que disseram que gostavam de ler porque a leitura proporcionava a libertação. Segundo Lajolo (2002, pp. 106-107) pode-se dizer que “Leitor maduro é aquele que, [...] faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceita-las ou recusá-las”.

Por isso, a leitura não pode ser realizada de qualquer forma. Ela precisa ser interpretada e avaliada pelo leitor. Soares (2005, p.26) ainda comenta que: “[...] leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa; é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui”. O leitor deve interagir com o texto e até mesmo confrontá-lo quando preciso, ou seja, ele deve contribuir com a formação cidadã do leitor, como foi citado por alguns dos jovens participantes desse estudo.

Outro desafio que temos que enfrentar é conceber a leitura como prática social, com o objetivo de tornar essa prática atraente aos jovens, pois como vimos há jovens que não se sentem atraídos pela prática da leitura literária porque ainda não conseguem estabelecer a relação que existe entre sua vida e a leitura literária, visto que apresentaram justificativas muito vazias que demonstram que não existe uma motivação profunda que o conecte a esta prática, segundo Lajolo (2002):

Apostando, assim, numa concepção de leitura que a vê ao mesmo tempo como instituição e como prática coletiva, parece que se se pode privilegiar a reflexão sobre a natureza e o percurso social da leitura, deixando em plano secundário discussões sobre metodologias e estratégias que, em nome dela (leitura), costuma ser incorretamente vistas como os elementos determinantes do famoso e reclamadamente ausente interesse dos jovens pela leitura. (p.107).

Portanto, o nosso desafio é usar a criatividade para fazer com que os jovens leitores percebam que a literatura está interligada as suas vidas e ao mundo no qual vivem e assim, sintam também o prazer de vivenciar essa experiência com a literatura.

Sabemos que a leitura literária é diferente da não literária, conforme Amora (2006, p. 53) “[...] a literatura se distingue da não-literatura pelo conteúdo e pela forma, e que as características essenciais da obra literária são duas: um conteúdo intuitivo e individual e uma forma produto da criatividade expressiva do artista”. Mas, quando questionados sobre o que eles entendiam ser leitura literária, os jovens do segundo ano sentiram muita dificuldade em responder, pois a maioria disse que não sabia classificá-la e até classificava-a como qualquer tipo de leitura, outros disseram que era conto, romance, ou seja, sabiam que era algo diferente, conheciam os gêneros, só não conseguiam explicar em palavras. Contudo, obtivemos respostas que demonstram que alguns jovens tiveram experiências muito significativas com a literatura e que conseguiram extrair a essência do que vem a ser literatura, como podemos perceber nestas afirmações: “leitura literária retrata a arte com as palavras”, “é uma leitura mais focada para a arte e o prazer do leitor e não só para informação”, “é uma viagem a um novo mundo”. Segundo Amora (2006, p. 93): “Basta um primeiro contato com a literatura para termos a ideia de que suas obras são diferentes não apenas pelo autor e pela época, mas também pelo conteúdo-e-forma”. Por isso, quanto mais o jovem se aproxima da literatura mais descobre esse universo encantado e real ao mesmo tempo.

Outra pergunta feita aos jovens estudantes foi sobre qual era o gênero textual preferido por eles, e conseguimos o seguinte resultado:

Quadro 4- Preferência de gênero textual

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Romance.	Romance.	Romance.
2° lugar	História em quadrinhos.	Contos. Poesia.	Poesia.
3° lugar	Poesia.	Crônica. Cordel. Drama.	História em quadrinhos.
4° lugar	Memórias. Crônicas. Contos. Comédias. Nenhum.		Contos. Comédias.

Fonte: *In loco*

Como podemos perceber no quadro acima, a maioria dos jovens tem o romance como gênero textual preferido, também teve destaque a história em quadrinhos, os contos, e a poesia. De acordo com Amora (2006) as preferências textuais apresentam relação com os objetivos dos leitores:

Existem muitos tipos de leitores: os que gostam de obras de passatempo, como, por exemplo, os romances policiais, os de espionagem, os de aventuras; os que gostam de aprender e, por isso, procuram romances históricos, de viagens, de ficção científica, os que têm necessidade de dar asas à imaginação e, assim, preferem os livros de conteúdo fantástico; existem ainda os que pedem a uma obra motivos de excitação da sensibilidade, e daí gostarem sobretudo de poesia lírica; e existem também os que pedem a uma obra ensinamento quanto à “arte de escrever”, donde apreciarem somente os escritores hábeis dessa arte e criadores de novas formas de expressão literária (pp. 119-120).

Desse modo, o leitor busca interligar o gênero textual ao objetivo que pretende realizar ao ler uma obra literária. Conhecedores dessas preferências, os professores podem indicar livros aos seus alunos, pois verificamos que alguns jovens ficam indecisos ao procurar um livro, porém alguém que já tem familiaridade com a literatura poderia tecer alguns comentários sobre aqueles livros ou até mesmo sugerir a leitura de algum, visto que é na biblioteca escolar onde os jovens mais procuram livros, pois como já comentamos aqui, o

preço do livro no Brasil é caro, dificultando assim o acesso a esse bem tão importante à formação humana. Além disso, de acordo com a pesquisa que realizamos com os jovens do segundo ano do ensino médio, a maioria prefere ler os textos em livros, alguns pegam emprestados com colegas, outros vão à biblioteca da cidade ou pesquisam na internet.

Mas o que será que desperta a atenção do jovem na obra literária? Vejamos os resultados no quadro abaixo:

Quadro 5- O que desperta a atenção numa obra literária

Posições	2° ano B (manhã)	2° ano C (tarde)	2° ano D (tarde)
1° lugar	Atratividade do título e da capa. Curiosidade. Aprendizagem.	Curiosidade.	Curiosidade. Temas interessantes.
2° lugar	Tema. Trabalho escolar. Indicação de alguém. O autor. Nada.	Conteúdo.	Trabalho escolar.
3° lugar	Vontade de conhecer novas histórias.	Assunto, rimas, personagens. Temática. Prazer. Conhecimento.	Conhecimento. Prazer.

Fonte: *In loco*

Como podemos perceber, no geral, infelizmente o prazer não é o principal motivo que leva o jovem a ler, mas com alguns jovens sim. Podemos aproveitar esse conhecimento de que se interessam, seja pelo título, capa e curiosidade e instigá-los a praticar cada vez mais a leitura literária. Precisamos compreender que ninguém vai querer, por exemplo, comer uma comida que não lhe parece boa. Algo semelhante acontece com a prática da leitura. Nas palavras de Amora (2006, p.121): “[...] o autor cria a obra e o leitor a recria”. Então, o leitor precisa sentir-se atraído para poder dialogar com a obra e recriá-la.

Outro aspecto que devemos considerar nessa pesquisa é que a prática da leitura aqui está relacionada aos trabalhos escolares e o impressionante é que a maioria declarou gostar dessas leituras, o que nos leva a concluir que os jovens precisam de mais incentivo à prática da leitura literária. Os jovens aqui pesquisados gostam de indicações. São como nós que, geralmente, gostamos de saber, por exemplo, qual é a temática de um filme para saber se queremos assisti-lo ou não. Algo semelhante acontece com eles em relação às obras literárias. Dentre as obras recomendadas pela escola citaram: Dom Casmurro, A Moreninha, obras literárias e de vestibular. No entanto, a escola precisa também abrir espaço à literatura que corre à margem e que algumas vezes é rejeitada pela escola por não fazer parte do cânone. É necessário que haja uma integração entre as obras do cânone e as que não fazem parte do mesmo. Como diz Aguiar (2013):

[...] O dividendo final é novamente o prazer da leitura [...] Se a história policial ou a novela romântica exploram questões sociais ou psicológicas aprofundadas, se forem construídas a partir de propostas estruturais e linguísticas inovadoras, elas vão desestabilizar o leitor, tirá-lo de seu conforto, obrigá-lo a fazer esforços para continuar a leitura; a partir desse momento, ele não será o mesmo, tornando-se capaz de novos voos. [...] Ler ficção [...] não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentado no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social. (p.160)

Por isso, não podemos julgar a literatura popular como vazia, ou que não traz benefícios a quem dela se apropria, pois devemos conhecer muita gente que se tornou leitor, escritor ou professor graças a esse contato com essa literatura que muitas vezes foi ou ainda é considerada insignificante por não fazer parte do cânone.

Os próprios jovens sugeriram algumas práticas que podem ser adotadas pela escola e pelos professores para despertar ou aproximar ainda mais a juventude do bom hábito de ler literatura. Disseram que a linguagem, o gênero e a temática da obra literária devem ser interessantes aos jovens. A leitura deve propiciar o prazer e a imaginação. A escola e os professores precisam trabalhar essa prática com criatividade. Que haja uma orientação sobre a temática das obras para poderem escolher com maior segurança. Terem-se mais bibliotecas, livros, diálogos sobre os livros e mais incentivo à leitura, não apenas na escola, mas que haja projetos que possam levar a literatura a lugares como as praças, por exemplo, que são lugares muito frequentados pelos jovens. Segundo Dalvi (2013, pp.81-83) isso significa que a literatura precisa estar disponível aos alunos e ser discutida com os mesmos, e que a escola

deve propiciar eventos relacionados à leitura literária considerando as várias formas de gêneros textuais, assim como os diversos meios de suportes, avaliando a interpretação sem punição, mas promover a aprendizagem, a aproximação e o respeito. Além disso, ainda conforme Dalvi (2013, pp.84-85) deve-se considerar se os títulos e temas das obras interessam os leitores, se a linguagem é compreendida, se a obra apresenta valores e estereótipos, entre outros aspectos que necessitam ser considerados no momento de interação entre leitores e texto literário.

Através dessa pesquisa e estudo constatamos que dentre os livros já lidos ou que é desejável sua leitura pelos jovens da segunda série do ensino médio tiveram grande destaque os romances dos best-sellers, sobretudo os estrangeiros, por destacarem histórias de jovens e de fantasia, por terem sido adaptados às telas de cinema e aos jogos eletrônicos, e também pela ampla divulgação desses livros ou por apresentarem temas que fascinam os jovens.

Conhecedores dessa preferência, os professores não podem ficar indiferentes ou rejeitar esta realidade. Podemos partir deste gosto sugerindo a comparação destes com outras obras literárias, abordar temáticas destes livros na sala de aula, apresentar trechos de outros livros que possam despertar também a curiosidade dos jovens, incentivando assim a leitura desses outros textos literários que são estética e criticamente interessantes. Para atingir este propósito o professor precisa primeiramente, segundo Lajolo (2002, p.108): “[...] gostar de ler, precisa ler muito, [...] envolver-se com o que lê”. Pois como poderemos instigar nossos alunos a lerem se nossa prática é indiferente ou distante daquilo que sugerimos? Mas, sendo exemplos, podemos atrair nossos alunos à leitura literária.

Por isso, por mais que conheça os livros clássicos, o professor deverá também conhecer os modernos livros admirados pelos jovens contemporâneos para ajudar na mediação entre os livros antigos e atuais, contribuindo com a formação dos leitores, a qual exige segundo Lajolo (2002, p.108) “[...] familiaridade com grande número de textos”. Assim, as interações com variadas obras literárias facilitarão o diálogo entre os textos de diferentes obras, e a indicação que o professor poderá sugerir ao aluno.

Muitas vezes, deparamo-nos com práticas de leituras realizadas por escolas que desestimulam os alunos. Conforme Lajolo 2002:

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. [...] Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos. (pp.108-109).

Essas atitudes costumam afastar as pessoas do livro. Portanto, é imprescindível que estejamos conscientes do processo político que é a leitura. Esse detalhe é essencial na formação de leitores que implicará na sua posição em relação à transformação social. (Soares, 2005, p.28).

Assim, o ponto ápice da leitura ocorre quando o leitor consegue interagir com a mesma, a qual se tornará muito significativa na vida do leitor, que a terá contextualizado, seja através de sua leitura de mundo, seja por meio da leitura de outros textos. E esse é o nosso desafio, proporcionar aos nossos jovens alunos esse encontro prazeroso e significativo de suas vidas com a literatura.

Portanto, atingimos nosso objetivo, visto que investigamos a realidade da prática literária dos jovens do segundo ano do Ensino Médio, compreendendo seus motivos de gostarem ou não de ler, investigando suas preferências literárias, e sugerindo propostas que podem atrair a juventude para uma prática literária significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização desse trabalho pesquisamos jovens alunos de três turmas da segunda série do Ensino Médio regular, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, na cidade de Jacaraú, Paraíba, para investigarmos sobre seus hábitos e gostos literários. Podemos dizer que ficamos felizes porque a maioria dos entrevistados declarou gostar de ler.

No entanto, é preciso uma abertura maior para a realização dessa prática, de modo que proporcione a interação e o encontro entre leitor, obra e a relação desta com a realidade na qual o jovem está inserido, ou seja, que haja uma contextualização. Inserir rodas de leituras que estimulem a prática literária, a imaginação e a crítica sobre a leitura realizada seria uma possibilidade positiva para proporcionar conectividade entre juventude e literatura.

Também é possível criar novos projetos de incentivo à leitura na escola de forma interdisciplinar, pois a literatura aborda muitas temáticas transversais, possibilitando assim uma integração magnífica com todas as áreas do conhecimento a favorecer a formação integral dos jovens estudantes. Também é importante que a cidade desenvolva o hábito de projetos voltados para a área literária, resgatando canções, histórias e lendas da cultura local para ampliar o número e a qualidade de leitores, proporcionando o acesso de todos à literatura, incluindo a literatura popular, e procurando assim, conquistar aqueles que ainda não se descobriram no universo literário.

Refletimos também nesse trabalho sobre a influência do meio social na formação ou não de leitores conscientes de sua participação ativa na sociedade. E percebemos que a leitura, quando realizada de forma crítica, dinâmica e contextualizada é um caminho possível à luta contra as injustiças sociais, preconceitos, entre outros problemas que enfrentamos.

Concluimos que a maioria dos jovens alunos que participou dessa pesquisa gosta de ler, sendo que alguns já leem bastante, mais de dez livros anualmente. Contudo, há muitos alunos que ainda leem pouco e que precisam ser mais motivados a realização desta prática. Ficou claro que a principal preferência literária juvenil é o gênero romance e que muitos desses leitores gostariam de ler mais, porém enfrentam dificuldades de conseguir os livros cujas temáticas mais lhes interessam, tais como amor e aventura, visto que a renda de suas famílias não é suficiente para fazer investimentos em materiais culturais.

Precisamos, portanto, trazer para dentro das bibliotecas escolares, além dos clássicos, livros literários atuais, cuja temática fascina a juventude, pois assim estaremos favorecendo o

encontro dos jovens com a literatura. E devemos instigar mais os jovens à prática de leituras literárias, partindo-se sempre daquelas obras que eles mais gostam, visando assim o resultado: a aproximação, a interação e o desenvolvimento da leitura crítica da literatura entre os jovens, pois assim, estaremos investindo no crescimento do jovem como ser humano e cidadão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

AMARAL, Emília. [et al]. **Português: novas palavras: literatura, gramática, redação**. São Paulo: FTD, 2000.

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13. ed. São Paulo: Cultriz, 2006.

BARBOSA, José Juvênio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

CALDIN, Clarice Fort Kamp. A função social da leitura da literatura infantil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701505> Acesso em: 29/11/2013, às 18h40min.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (orgs). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 182-210.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CATARINA, Alencastro. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899> Acesso: 24/05/14, às 16h.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: _____; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FAILLA, Zoara. Retratos da Leitura no Brasil. In: Espontaneamente, brasileiro lê apenas 1 livro por ano. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/espontaneamente-brasileiro-le-apenas-1-livro-por-ano> Acesso: 24/05/2014, às 15h.

GOMES, Eduardo de Castro. A escrita na História da humanidade. Disponível em: [http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Eduardo Aspectos da escrita na Historia da humanidade.pdf](http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Eduardo_Aspectos_da_escrita_na_Historia_da_humanidade.pdf) Acesso em: 02/03/2014, às 12h30min.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita**: livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

REIS, Benedicta Aparecida Costa dos. O que é literatura? In: QUEIROZ, Tania Dias. (org). **Sistema Pleno de Pesquisa**: ensino médio. São Paulo: Rideel, S/D.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

TODOROV, T. **La littérature em péril**. Paris: Flammarion, 2007. [Ed. br. A literatura em perigo. Trad. C. Meira. São Paulo: Difel, 2009].

História da Literatura. Disponível em: www.gargantadaserpente.com/historia/index.html
Acesso em: 02/03/2014, às 12h30min.

História da Literatura. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_literatura Acesso em: 13/04/2014, às 12h45min.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA.

QUESTIONÁRIO ABERTO SOBRE: A RELAÇÃO ENTRE MEIO SOCIAL,
LITERATURA E LEITURA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA PARAÍBA.

PESQUISADORA: MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ALZIRA LISBOA.

SÉRIE: 2º ano do Ensino Médio. TURMA: _____.

TURNOS: _____. SEXO: _____.

IDADE: _____. ZONA: _____. RENDA: _____.

- 1- VOCÊ GOSTA DE LER? JUSTIFIQUE.
- 2- O QUE VOCÊ ENTENDE POR LEITURA LITERÁRIA?
- 3- QUE GÊNERO TEXTUAL VOCÊ PREFERE?
- 4- COMO VOCÊ TEM ACESSO À LEITURA LITERÁRIA?
- 5- QUANTOS LIVROS VOCÊ LÊ DURANTE UM ANO? CITE ALGUNS.
- 6- O QUE TE LEVA A LER UMA OBRA LITERÁRIA?
- 7- O QUE DESPERTARIA O SEU INTERESSE E O DE OUTROS JOVENS PELA LEITURA LITERÁRIA?
- 8- QUAIS LEITURAS SÃO RECOMENDADAS PELA ESCOLA? VOCÊ GOSTA DESSAS LEITURAS?

DIÁRIO DE CAMPO E MINHAS PERCEPÇÕES

Fizemos esse diário de campo porque sabemos que a memória pode ser falha, por isso resolvemos fazer anotações sempre após as pesquisas que realizávamos para nos assegurar de que não nos esqueceríamos dos detalhes e das opiniões expressadas pelos jovens aqui pesquisados.

Segundo ano B

Participaram da pesquisa sete garotos, dos quais apenas três afirmaram gostar de ler e nove garotas, das quais oito disseram gostar de ler. Estes jovens, da zona urbana, apresentam faixa etária entre 15 a 18 anos. Entre as justificativas para gostarem de ler surgiram os seguintes motivos: aquisição de aprendizagem (em primeiro lugar), a possibilidade de viajar através da imaginação juntamente com a possibilidade de ler algo interessante (segundo lugar e empatados). Já entre as justificativas de não gostarem de ler surgiu em primeiro lugar a falta de tempo, em segundo a falta de interesse e em terceiro lugar o sono que sentem ao ler. Cabe ressaltar que a maioria desses jovens disse desconhecer a renda mensal de sua família, em contrapartida, a segunda posição nesse quadro declarou que a família recebe uma renda mensal inferior a um salário mínimo. A terceira posição afirmou que a família recebe um salário mínimo mensal. E na quarta posição houve um empate entre os jovens cujas famílias recebem mais de um, dois ou três salários mínimos. Sobre a questão do que eles entendiam ser a leitura literária, obtivemos um empate na primeira posição entre os que não sabiam o significado e entre os que disseram que seria romance e poesia. Em segundo lugar e também empatados disseram que seriam os textos literários, as leituras sugeridas pelos professores, as leituras do passado e uma arte. Em terceiro lugar e também empatados surgiram as opiniões que definiam a leitura literária como qualquer tipo de leitura, aquela leitura que trazia conhecimento ou ainda a leitura dos autores conhecidos. Quanto ao gênero literário que mais gostavam, apareceu em primeiro lugar o romance, em segundo lugar os quadrinhos, em terceiro lugar ficou a poesia, e em quarto lugar e empatados ficaram: memórias, crônicas, contos, comédia, ou nenhum tipo. Quando questionados a respeito da forma como conseguiam ler as obras literárias, os jovens do segundo ano B disseram que a maioria consegue-os na biblioteca escolar ou da cidade, em segundo lugar ficou a internet, em terceiro lugar declarou-se que não têm acesso. Vale ressaltar que a maioria dos jovens ainda prefere ler os livros impressos e não através da internet, alguns pegam emprestados e algumas vezes

compram. Quanto ao registro dos livros lidos, a maioria dos jovens disse que não registravam, mas tinham uma base. Em primeiro lugar ficaram os que disseram ler um ou dois livros por ano, em segundo lugar os que disseram ler cinco livros durante um ano, em terceiro lugar três livros anualmente e em quarto lugar empatados os que disseram ler nenhum ou seis livros por ano. Sobre o que o leva a ler uma obra literária em primeiro lugar aconteceu um empate entre: a atratividade do título e da capa, a curiosidade, a possibilidade de aprender novidades. Em segundo lugar e também empatados foram lembrados: o tema, uma pesquisa ou trabalho escolar, o autor, a indicação de alguém ou nada lhe motiva. Em terceiro lugar surgiu à vontade de conhecer novas histórias. Quanto às sugestões para atrair a juventude à prática da leitura literária, destacaram em primeiro lugar a linguagem e o tema. Em segundo lugar, os alunos disseram que o gênero deve ser atraente, a leitura deve despertar o prazer e a imaginação; sugeriram a utilização da criatividade para atrair os jovens ao hábito literário, a ida à biblioteca e também os que não sugeriram nada. Sobre as leituras sugeridas pela escola, eles se lembraram de Dom Casmurro, A Moreninha e outras histórias escritas por Machado de Assis, sendo que 60% afirmaram gostar dessas leituras e 40% declararam não gostar.

Percebemos que embora a maioria destes jovens tenha declarado gostar de ler, temos o desafio de conquistar os que ainda não gostam e incentivar sempre mais os que gostam, pois sabemos o quanto a leitura literária é importante ao desenvolvimento intelectual e crítico do ser humano e como a literatura ajuda na compreensão de mundo e sociedade.

Segundo ano C

Nesta turma, participaram da entrevista 7 meninos, dos quais 5 afirmaram gostar de ler e 2 disseram não gostar, e 18 meninas, dentre as quais 17 disseram gostar de ler e apenas uma disse não gostar. A juventude desta turma, da zona rural, apresenta faixa etária entre 16 e 23 anos de idade. Quanto aos motivos de gostarem de ler apareceram em primeiro lugar e empatados o fato de adquirirem conhecimentos e a possibilidade de viajar através da leitura. Em segundo lugar e empatados foram destacadas a contribuição no desenvolvimento da fala e a possibilidade de aprender novas palavras. E em terceiro lugar e também empatados ficaram a interação, a libertação, a novidade, a felicidade e a contribuição da leitura no futuro. Quanto ao motivo de não gostar de ler, disseram que tinham preguiça. Sobre a renda mensal da família, a maioria afirmou desconhecer, em segundo lugar os que ganham menos de um salário mínimo por mês, em terceiro os que ganham um ou mais de um salário mensal, e em quarto lugar os que ganham entre 2 ou mais de 2 salários mínimos mensais. Sobre o que compreendiam ser leitura literária a maioria afirmou não saber defini-la, em segundo lugar os

que afirmaram serem contos, romances ou prosas, em terceiro os que dizem que a leitura literária é uma viagem a um novo mundo, um passatempo, um bom conteúdo, as obras que marcam épocas ou ainda a leitura que desenvolve a interpretação. Em relação aos gêneros preferidos por essa turma em primeiríssimo lugar aparece o romance, em segundo lugar o conto e a poesia, e em terceiro lugar a crônica, o cordel e o drama. Sobre como têm acesso às obras literárias a maioria respondeu que era através da biblioteca escolar, em segundo lugar por meio da internet. Quanto a quantidade de livros lidos durante um ano, em primeira posição aparecem os que leem 3 livros ao ano, em segunda posição os que leem 5 livros, em terceira posição empatados os que leem 4, 2 ou 1 livro anualmente, em quarta posição também empatados os que leem 0, 10 ou 15 livros. Quanto aos motivos que lhes levam a ler uma obra literária apareceu em primeiro lugar a curiosidade, em segundo lugar o conteúdo, em terceiro o assunto, com destaque as biografias, as rimas, personagens, a possibilidade de fazer algo novo, o tema amor, a boa sensação, a distração e a busca de conhecimento. Quanto às sugestões apresentadas por essa turma para despertar o gosto literário de outros jovens, foram sugeridos em primeiro lugar a indicação de obras que forneçam aprendizagem, em segundo lugar empatado obras que sejam divertidas e que seu conteúdo seja atraente ao jovem, e em terceiro lugar obras que apresentem uma linguagem interessante ao jovem, que desperte sua curiosidade, que tenham título e introdução atraentes, que traga novidade e que tenham belas histórias. Quanto às obras sugeridas pela escola apareceram em primeiro lugar às literárias, em segundo lugar as obras para vestibular e as de conhecimentos diversos. A maioria disse gostar dessas leituras, em segundo lugar disseram gostar só um pouco e em terceiro lugar disseram não gostar.

Segundo ano D

Nesta turma, participaram da entrevista 8 meninos, dos quais 5 afirmaram gostar de ler e 3 disseram não gostar, e 14 meninas, dentre as quais 13 disseram gostar de ler e apenas uma disse não gostar. A juventude desta turma é da zona rural, apresenta faixa etária entre 15 e 21 anos de idade. Quanto os motivos de gostarem de ler apareceram: em primeiro lugar a aprendizagem. Em segundo lugar foi destacado conhecimento. Em terceiro lugar e empatados: o desenvolvimento na leitura e na escrita, o passatempo e o tema interessante, e também destacaram o fato da leitura ajudar a ter um futuro melhor. Já quanto aos motivos de não gostarem de ler disseram que ficavam com dor de cabeça, ficavam impacientes, não tinham vontade. Sobre a renda mensal da família, a maioria afirmou desconhecer, em segundo lugar os que ganham menos de um salário por mês, em terceiro os que ganham dois ou mais de dois

salários mensais. Sobre o que compreendiam ser leitura literária a maioria afirmou que é a interpretação, em segundo lugar os que afirmaram que é aquela que retrata a arte com as palavras, em terceiro lugar os que disseram que são os clássicos, os livros narrativos ou de literatura. Em relação aos gêneros preferidos por essa turma em primeiríssimo lugar aparece o romance, em segundo lugar a poesia, em terceiro lugar a história em quadrinhos, em quarto lugar o conto e a comédia. Sobre como têm acesso às obras literárias, a maioria respondeu que era através da biblioteca escolar, em segundo lugar por meio da internet, em terceiro lugar através de colegas. Quanto a quantidade de livros lidos durante um ano, em primeira posição aparecem os que leem 4 livros ao ano, em segunda posição, empatados, os que leem 2 ou 3 livros, em terceira posição os que leem 5 livros anualmente, em quarta posição os que leem 8 livros. Quanto aos motivos que lhes levam a ler uma obra literária apareceram empatados em primeiro lugar a curiosidade e os temas interessantes, em segundo lugar os trabalhos escolares, em terceiro o conhecimento e o prazer. Quanto às sugestões apresentadas por essa turma para despertar o gosto literário de outros jovens, foram sugeridos em primeiro lugar o incentivo de pais e professores, em segundo lugar, favorecer a leitura de obras cujo conteúdo seja atraente ao jovem, em terceiro lugar disseram que os professores devem usar a literatura de modo divertido, em quarto lugar sugeriram a utilização de livros que trabalhem temáticas ligadas à realidade e que mostre um caminho legal a seguir, em quinto lugar disseram que os amigos devem incentivar a prática literária. Quanto às obras sugeridas pela escola apareceram em primeiro lugar às literárias, em segundo lugar os romances, e em terceiro a poesia. A maioria disse gostar dessas leituras, em segundo lugar disseram gostar só um pouco e em terceiro lugar os que não gostam.

Os reflexos da quantidade e qualidade das leituras literárias que os alunos realizam são perceptíveis na hora das aulas em que construímos novos conhecimentos. Ou seja, quanto mais o aluno exercita a leitura literária, mais ele melhora na escrita, na compreensão de textos e de sociedade, na apresentação de seminários, na participação dos debates em sala de aula, no despertar crítico e na sua frequente participação como cidadão. Algo que me deixa muito feliz é que alguns desses alunos leem mais de 7 livros por ano, leem por prazer sem ninguém pedir e são ecléticos nas preferências literárias. Sou professora de Língua Inglesa destas turmas e procuro sempre integrar a leitura literária em minhas aulas e sinto que este é um caminho viável e produtivo para o letramento crítico dos alunos em Língua Estrangeira e na formação de pessoas comprometidas com a prática cidadã.